

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)



Acervo pessoal

Zico entre amigos no Quintino que nunca abandonou

Zico, o herói carioca que o subúrbio forjou

NO DIA 30 DE ABRIL, QUANDO ESTREAR “ZICO, o Samurai de Quintino”, de João Werner, talvez o cinema faça aquilo que o Rio faz de melhor: contar a si mesmo em voz alta, como quem puxa um samba antigo e reconhece, no primeiro acorde, que aquela história também lhe pertence.

PORQUE ZICO NÃO NASCEU ÍDOLO. NASCEU INSISTÊNCIA. Quintino não é bairro de criar mito pronto. É lugar de forjar gente no compasso do dia - com condução cheia, calor dilacerante e infância jogada na rua como quem joga conversa fora.

ALI, O MENINO ARTHUR APRENDEU CEDO QUE A BOLA não era só brinquedo: era linguagem. Uma espécie de reza em movimento. No futsal miúdo do subúrbio, do Ríver da Piedade, onde o espaço é curto e a solução precisa ser rápida, ele foi alfabetizado pelo improviso. Jogava no Juventude de Quintino, com os irmãos, entre um drible e outro, como quem aprende a gingar na vida. Não havia plateia, havia vizinhança. Não havia futuro desenhado, havia desejo - desses que não fazem alarde, mas também não recuam.

ERA UM CORPO FRÁGIL, DIZIAM. Quase um risco de giz no asfalto. E, no entanto, havia nele uma teimosia que o Rio conhece bem: a de não aceitar o limite como ponto final. Zico foi se escrevendo na marra, na repetição, na disciplina quase devocional. Como um ogã que aprende o toque antes de ser chamado para a roda.

PORQUE HÁ, NO SUBÚRBIO CARIOCA, uma pedagogia invisível - uma escola que não cabe em currículo, mas forma gerações inteiras. É ali que o talento deixa de ser exceção e vira possibilidade. É ali que o improviso encontra método, que a carência vira invenção, que a alegria não pede licença para existir.

ZICO É FILHO DIRETO DESSA ESCOLA. Quando chegou ao mundo grande, já não era promessa: era linguagem pronta. Cada gol tinha sotaque, cada passe era resultado de um código criado por ele mesmo. E mesmo quando o Maracanã, lotado de torcedores do Flamengo, rugia, havia nele um silêncio antigo - o da quadra, o da rua, o da infância que nunca foi embora.

TALVEZ POR ISSO TENHA VIRADO HERÓI. Não desses inalcançáveis, esculpidos em mármore frio, mas dos que a cidade reconhece como espelho. O herói carioca não sobe no salto - se mistura. Anda entre os seus, fala a mesma língua, guarda no gesto a memória do lugar de onde veio.

O FILME TENTA CAPTURAR ISSO. Mas há coisas que escapam da lente. Escapa o subúrbio como força criadora. Escapa a Zona Norte como território de invenção cotidiana - esse chão fértil que insiste em florescer mesmo quando lhe negam água. Porque ali, onde o poder público costuma chegar tarde ou nem chegar, a vida se antecipa. E cria. De forma pujante.

SE FEZ EM ZICO UM DOS MAIORES DE TODOS, não foi por acaso. Foi por contexto. Por cultura. Por uma engrenagem invisível que transforma escassez em arte. A Zona Norte não é falta. É excesso - de talento, de história, de possibilidade. O que lhe falta não é grandeza. Nunca foi. O que lhe falta é o direito de não precisar produzir heróis para provar que existe.



Carolina Calcavecchia/Divulgação

‘Duvido’ é o segundo texto da atriz Marcéli Torquato para o teatro

Enquanto Hamlet não vem

Monólogo de Marcéli Torquato, com direção de Camila Nhary, ‘Duvido’ estreia nesta quinta no Teatro Municipal Café Pequeno

Numa sociedade de que cultua a autoconfiança e celebra quem decide rápido e segue em frente sem hesitar, o que acontece com quem não sabe? Com quem tropeça, recua, questiona? É exatamente esse estado — o da dúvida como condição humana e não como fraqueza — que a atriz e dramaturga Marcéli Torquato coloca no centro de “Duvido”, monólogo que estreia nesta quarta-feira, 19 de março, no Teatro Municipal Café Pequeno, no Leblon. A direção é de Camila Nhary, atriz e uma das fundadoras do Bando de Palhaços S.A., que assina aqui sua primeira incursão na direção teatral.

O ponto de partida é Hamlet. Não o príncipe dinamarquês em si, mas o que ele representa na tradição literária ocidental: o arquétipo da hesitação levada às últimas consequências. O famoso “Ser ou não ser?” de Shakespeare não aparece como citação decorativa — atravessa o espetáculo como confronto direto com a pergunta que a personagem não consegue responder: o que significa seguir em frente quando tudo parece incerto?

A estrutura dramática parte de uma situação simples: uma atriz espera Hamlet, que está atrasado.

“A peça mostra a saga de uma mulher que está diante do público em busca de validação, esperando que alguém diga para ela o que fazer, como seguir, o que vestir”

MARCÉLI TORQUATO

Enquanto ele não chega, o palco se transforma. Vira aeroporto, casa, pensamento. Entre malas, voos e perguntas que se acumulam, a personagem percorre territórios que vão da infância à maternidade, do amor ao luto, do medo ao desejo. Textos clássicos de Shakespeare são costurados a temas atuais e o diálogo direto com o público cria um jogo instável entre o que está ensaiado e o que escapa ao controle — en-

tre a segurança do que se repete e a imprevisibilidade da vida real.

“A peça mostra a saga de uma mulher que está diante do público em busca de validação, esperando que alguém diga para ela o que fazer, como seguir, o que vestir”, descreve Torquato. “Acredito que é uma busca que todos nós fazemos enquanto passamos pela vida, buscamos nossos espelhos, nossos pares, nos entendemos e nos encontramos nos outros.” A autora define o espetáculo como “um elogio a seguir em frente catando cavaco, de seguir sem certezas. A certeza sempre é uma aposta.”

Marcéli Torquato tem mais de 20 anos de carreira no teatro. Passou por grupos como o Milongas — onde recebeu três indicações e uma premiação no Festival Nacional de Teatro de Limeira — e o Teatro Caminho, além de ter trabalhado com diretores como João Fonseca, Diogo Liberano e Joana Lebreiro. Na televisão, participou das novelas “Fuzuê” e “Família é Tudo”, da Rede Globo. “Duvido” é seu segundo texto teatral autoral — o primeiro, “Saia”, estreou em 2019.

Camila Nhary, que dirige o espetáculo com assistência de Verônica Rocha, enfrenta o desafio de tornar visível em cena a linha tênue entre verdade e mentira. “Em tempos de fake news, de redes sociais, filtros e procedimentos estéticos, passamos a duvidar de nós mesmos, das nossas verdades, dos nossos reais desejos e necessidades, da nossa sanidade”, analisa a diretora. “O espetáculo provoca a dúvida no espectador o tempo inteiro, colocando tudo que é apresentado a ele em xeque. Tudo pode ser verdade, e as verdades se tornam mentira num piscar de olhos.”

SERVIÇO
DUVIDO

Teatro Municipal Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon)
De 19/3 a 12/4, quinta* (20h), sextas e sábados (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia) | *Apenas 19/3